



Crônicas do Socorro
FACULDADE DE CIÊNCIAS



Ficha técnica

Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa

Título **Crónicas do Socorro V**

Coleção **Crónicas do Socorro**

Coordenação **Carla Boto Pereira, Miguel Gil**

Investigação **Paula Serafim**

Texto **Ana Loureiro e Miguel Gil**

Revisão de texto **Ana Loureiro**

Nota Final **Júlia Alves, Diretora Serv. Direção Técnica da FCUL**

Design **Isilda Marcelino**

Tiragem **500 exemplares**

Depósito Legal **529508/24**

Edição **Lisboa, 2024**

Créditos fotográficos: Faculdade de Ciências ULisboa; Arquivo Municipal de Lisboa, João Freitas e Rui Santos.

Foto de capa: Sala de aulas destruída pelo incêndio de 18 de março de 1978.

© João Freitas (aluno de Biologia)

A coleção *Crónicas do Socorro* pretende dar a conhecer a importância dos Bombeiros e do Serviço de Incêndio de Lisboa, através de episódios significativos da sua História.



Crônicas do Socorro





Elevado grau de destruição das instalações. © João Freitas (aluno de Biologia)

Crônicas do Socorro V

A História do Socorro é rica em episódios que, de alguma forma, contribuíram para a análise, estudo, alteração e criação de medidas de segurança e autoproteção hoje implementadas.

A 18 de março de 1978, a comunidade científica da Faculdade de Ciências não imaginava o que estava prestes a acontecer. Era madrugada de sábado e, como habitual, as instalações encontravam-se encerradas. Inexplicavelmente, um incêndio deflagra num pavilhão pré-fabricado instalado no interior da Faculdade.

O *Grande Incêndio da Faculdade de Ciências* foi considerado como um dos mais devastadores ocorridos na capital no século XX, não só pela sua extensão e importância dos bens patrimoniais e equipamentos de laboratório destruídos como, sobretudo, pela grande perda de conhecimento científico: trabalhos de investigação por publicar, trabalhos académicos a decorrer, bibliografia rara, coleções museológicas singulares, conhecimento científico e cultural de valor único devorado pelo fogo.

Mas podia ter sido bem pior...



Autoescada arvorada à fachada principal
da Faculdade, em trabalho de rescaldo.

© Rui Santos



Frágico dia para as Ciências

À 1h e 12m da madrugada de 18 de março de 1978, o telefone tocou na Central Telefónica do Comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros avisando que havia fogo na Faculdade de Ciências, situada na rua da Escola Politécnica.

O bombeiro telefonista, pela aflição na voz da senhora do outro lado da linha, apercebeu-se da gravidade da situação e, sabendo o que poderia significar um incêndio naquele edifício, prontamente acionou os alarmes da 1.ª Companhia, situada na Av. D. Carlos I, ordenando pelos altifalantes a saída do material de socorro.

Um minuto passado, o mesmo bombeiro, antevendo o que poderia significar um incêndio naquele edifício, mandou



Portão em ferro, óbice no acesso das viaturas dos bombeiros.

© AMisboa PT-AMLSB-CMLSBAH-PCSP-004-JBG-000396

preparar e avançar viaturas de socorro de outros quartéis do Batalhão de Sapadores Bombeiros, e transmitiu às corporações dos bombeiros voluntários que se preparassem para sair em apoio ao combate a um grande incêndio.

Os sapadores chegam ao local depois de percorrerem *“ruas relativamente estreitas (urbanização antiqüíssima) de muito trânsito e de acentuada subida em relação ao Quartel dos Bombeiros de onde saíram as primeiras viaturas de socorro, a uma distância aproximada de 1500 metros.”*

À chegada, deparam-se com a dificuldade de acesso às laterais da Faculdade: *“dois portões em ferro de reduzida largura, rua circundante intransitável por motivo de obras.”*

Com o reconhecimento realizado, o Subchefe Serrano transmite à Central, à 1h e 16m, a mensagem: *“na Faculdade de Ciências, é fogo num pavilhão situado no interior do edifício da Faculdade. Está todo tomado pelo fogo e progride através de várias portas e janelas, em direção a outras dependências da Faculdade. Vou mandar montar todo o material de que disponho e peço para o local mais dois Auto-Pronto-Socorros e dois Auto-Escadas Mecânicas.”*

Equipa do Batalhão de Sapadores
Bombeiros em trabalho
© João Freitas (aluno de Biologia)





Perante a dimensão e progressão do fogo as viaturas que saíram em primeiro socorro: uma auto-pronto-socorro, auto-escada mecânica e auto-comando e serviço, revelam-se insuficientes.

A par do pedido de reforço de material de combate ao fogo, é posto em ação o plano de trabalhos, com a montagem de agulhetas, iniciando-se o ataque às chamas. Rapidamente outras viaturas foram chegando ao local do incêndio e decorridos dez minutos já operavam, em simultâneo, *“17 agulhetas de 70mm, 13 de 50mm e 23 de nevoeiro.”*

A natureza de alguns materiais de construção do pavilhão pré-fabricado: *tabopan* e esferovite, adicionado ao facto dos pisos, tetos, caixilhos e mobiliário da Faculdade serem de madeira, propiciaram a rápida evolução do fogo.

À 1h e 29m, o Subchefe Serrano volta a transmitir para a Central Telefónica do Comando: *“o fogo continua a desenvolver-se com muita intensidade, propaga-se rapidamente às alas Norte, Nascente e Sul. Tenho muitas agulhetas a trabalho e peço para o local todos os Auto-Pronto-Socorros e Auto-Tanques disponíveis.”*

Três minutos depois, o Chefe de 1.^a classe, Custódio de Oliveira chega ao local e assume a direcção dos trabalhos





Bombeiros em trabalho
no interior da Faculdade.
© João Freitas (aluno de Biologia)

e informa a Central: *“o fogo desenvolve-se com extraordinária intensidade através de várias dependências da Faculdade, existe um laboratório de Química que está ameaçado pelo fogo. Mandem avançar para o local todos os chefes de 1.ª classe do Batalhão e mais Auto-Tanques das Corporações de Bombeiros Voluntários.”*

A maior preocupação sentida por bombeiros e comunidade científica, naquele momento, era o perigo de explosão dos produtos radioativos, secundado pela presença de químicos altamente inflamáveis existentes no Laboratório de Química da Faculdade. A par desta havia uma outra preocupação, não de menor importância, a de tentar salvar acervos do museu e da biblioteca, assim como os aparelhos científicos que recheavam os laboratórios e salas de aula.





Bombeiro em trabalho de rescaldo
© João Freitas (aluno de Biologia)

Face a gravidade da situação, o Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, TCor. Fernando Teixeira Coelho, chega ao local, cerca da 1h e 45m, e assume a direção das operações, inteirando-se de imediato da extensão do fogo, dos perigos que poderiam ocorrer, do posicionamento dos homens, das viaturas e do material a operar, incluindo dos voluntários que já se encontravam no local.

O Chefe Ajudante Rocha apercebe-se do fraco caudal de abastecimento de água no combate ao fogo e verifica que as chamas estão avançando sem dar sinais de tréguas.

À 1h e 50m, ordena que seja estabelecido contacto imediato com a EPAL.

O piquete de serviço daquela empresa responde que vai *“tentar melhorar o abastecimento de água ao local”*, aumentando a pressão às bocas de incêndio dos prédios próximos.

Cinco minutos mais tarde, o Chefe de 1.ª classe Custódio informa ter isolado o Laboratório de Química, ficando afastada a iminência do incomensurável desastre que tanto se temia.

Vitrina de laboratório destruída pelo fogo.
© João Freitas (aluno de Biologia)





Após essa informação, o Comandante do Batalhão anuncia para a Central: *“o fogo continua destruindo grande parte da Faculdade, apesar da grande quantidade de agulhetas e homens a trabalho. Peço para o local 30 ou 40 lanços de mangueira, para se proceder há substituição de alguns lanços avariados e montagem de outros.”*

Nesse momento, o Comandante é informado do primeiro ferido em serviço, o Cabo n.º 134, António Pires Antunes, da 1.ª Companhia, atingido por fragmentos da cobertura, sofrendo ferimentos graves na cabeça. É conduzido ao Hospital de São José, numa automaca dos bombeiros da Cruz de Malta, presente no local.

Meios em trabalho, pela manhã de 18 de março
© João Freitas (aluno de Biologia)

Uma hora mais tarde, o Adjunto do Comando, Capitão Silvestre, volta a transmitir para a Central que persiste a falta de água e pede à EPAL que tome providências rápidas de modo a colmatar aquela falta e a prevenir futuras falhas. Às 3h e 20m, o Comandante do Batalhão reforça o pedido de mais água à EPAL.

Decorridos 5 minutos, a EPAL informa que *“as condutas não comportavam maior pressão porque corriam o risco de uma rotura na conduta geral, o que agravaria seriamente o abastecimento à zona.”*

Para minimizar a situação, o Comandante transmite a ordem à Central de que todos os chefes de serviço e todos os autotanques dos Bombeiros Voluntários de Algés, Dafundo e Sacavém, e localidades próximas de Lisboa, devem ser convocados.

A luta contra a falta de água igualava a luta contra as chamas, exigindo redobrado esforço dos bombeiros, para dominar o avanço do fogo sem a pressão necessária de água nas mangueiras.

Era elevado o número de viaturas, homens e agulhetas empenhados no ataque ao fogo, contudo as chamas continuaram a lavar com impressionante intensidade até cerca das 4h da madrugada, momento em que o Comandante do Batalhão percebe que o fogo *“se mostrava incapaz de prosseguir a sua marcha”* declarando: *“o fogo está circunscrito, estão salvas*



BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

SERVIÇOS TÉCNICOS

CENTRAL TELEFÓNICA DO COMANDO

18 de Março 1978

TURNO N.º 3 e

OCORRÊNCIAS

Dia	Hora	Classificação da ocorrência	Participante	Local	Viaturas saídas	Concluídos
18	01,12	1º Socorro Grande	Manuelo Tavares	Rua da Escola Politécnica Faculdade de Ciências	A.C. 9.-1 A.P. 9.-1 2.-3-4-5-7-9- -10-13. A.E.M.-1 3-7-9. Júp.-3. 4-7-10-11-13- 1h. 6to 3 Furto 4-5 A.M.A.-2. A.T.-6 9. A.C.-1-2-3 A.M.-1-4 P.S.E. Pó-1-2. P.S.E. P.O.T.-2 A.P. 1ª SIBX: A.P. 9. P.S. Col. F. A.M.-4 Júp 6to e A.T. 2ª SIBX: A.C. 9. e A.V. 3ª SIBX A.P. 9. A.V. e A.P.A. 4ª SIBX: A.P. 9. e A.T. 13ª de Sacarém A.T.-1-2-3-4-5-6 13ª de Alcega A.T.-1-2 e P.S.N. Br. de Botafogo	1715 20/3/78

Registo das diversas viaturas das corporações de bombeiros presentes no dia 18 de março.
 © Regimento de Sapadores Bombeiros

algumas dependências não atingidas, no entanto continuamos com todo o material ao ataque.” A teimosa progressão do fogo estava sob controlo, era o momento de concentrar todos os esforços em reduzir a sua intensidade.

Esta crucial fase do ataque ao fogo demorou uns 30 minutos até que, por fim, a intensidade do fogo começou a baixar. Mas, ainda não se podia cantar vitória, por isso, homens e material continuaram cerca de uma hora a atacar energeticamente as chamas e, num vaivém ininterrupto, os autotanques iam abastecendo de água as agulhetas direcionadas ao fogo.

O Comandante do Batalhão é informado, nessa altura, de mais um bombeiro ferido, o Sapador n.º 583, José Manuel Coelho Martins, também da 1.ª Companhia, tinha sofrido uma entorse num dos dedos da mão direita, sendo assistido no local pelos elementos da Cruz Vermelha.

Passadas 4 horas e 18 minutos da chamada telefónica da senhora com a voz aflita, o fim da batalha anuncia-se!

São 5h e 30m e o Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros comunica para a Central Telefónica do Comando: *“o fogo está extinto. Vou mandar desmontar o material desnecessário, retirar algumas viaturas e dar início ao rescaldo.”*



Destruição total
no piso superior da Faculdade
© João Freitas (aluno de Biologia)



Conseguida a extinção do fogo dá-se início ao rescaldo.

Durante longas horas foram sendo removidos com cautela os entulhos na área afetada e apagados os focos de incêndio que iam surgindo, empregando todos os bombeiros que ali se encontravam, incluindo os chefes que orientavam os trabalhos. Com a ajuda de alunos, professores e outro pessoal da Faculdade foram resgatados alguns objetos, os que podiam ainda ser aproveitados e outros “*considerados preciosidades para os peritos de Ciências*”, deslocando para local mais seguro os materiais de zonas menos afetadas, nomeadamente do Laboratório de Botânica.

Nestes trabalhos operaram 4 Auto-Pronto-Socorros, guarnecidos com 11 agulhetas e 2 Autoescadas Mecânicas, que permaneceram no local.

Quantificar os prejuízos era tarefa quase impossível. Em entrevista ao jornal Diário Popular, um professor refere “*o que foi destruído é de valor incalculável, cujo desaparecimento empobrece, sobre maneira, o património cultural do País*” e uma professora, reforça a opinião “*o seu valor ascende a muitos milhares de contos.*”



O Dr. Carlos Alberto de Matos Alves, presidente da Comissão Diretiva do Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências, escreve no relatório elaborado logo após o incêndio, *“o Museu vivia, de certo modo, uma vida nova. Tinham sarado as feridas maiores resultantes do incêndio no Departamento de Geologia, em 20 de Dezembro de 1972, e estava-se a caminho da resolução de problemas... de uma lista de contratempus nada invejável”* e sucedia agora uma nova tragédia.

Para a Comissão Diretiva, professores, investigadores, alunos, administrativos e restante pessoal da Faculdade era difícil não pensar na causa e consequências de um incêndio com aquela dimensão. Muitos foram os pensamentos e os receios logo que avistaram o enorme clarão de fogo e assim continuaram observando a dinâmica de tão grande incêndio, a eles se juntava o lisboeta anónimo que assistia petrificado com mesma perplexidade: teria o fogo tido início no Museu, no Departamento de Geologia, ou teria sido num Laboratório? As respostas alvitradas não conseguiam acalmar a inquietação de todos. Não se sabia a sua origem, mas dúvida não havia que se tratava de um incêndio devastador, provocando em todos os que para ali se tinham dirigido e se amontoavam, um sentimento de impotência e grande desânimo.





Irreparável perda de espécies
no Museu de história Natural © Rui Santos

Terminados os trabalhos de rescaldo, como medida de segurança e enquanto não se confirmava a impossibilidade de reacendimento de algum foco de incêndio, no local permaneceu durante mais 4 dias um piquete de segurança.

Nesses dias, o pessoal de prevenção, utilizando aparelhos e ferramentas apropriadas, foi cortando ferros retorcidos e removendo pedras de forma a facilitar os trabalhos consequentes.



Incrédulos, os lisboetas assistiam aos trabalhos dos bombeiros. © Rui Santos
À direita> Diário Popular, 18 março 1978, p. 18.

Entre as várias autoridades que compareceram no local, esteve o então Presidente da República, General Ramalho Eanes, que se colocou ao lado dos operacionais e, com o imediatismo próprio dos militares, deu ordem de demolição da parte cimeira do portão da Faculdade, que impedia a entrada das viaturas dos bombeiros. Junto com os Comandantes dos Bombeiros, a PSP e o Governador Civil, começou a elaborar um plano para

O fogo na Faculdade de Ciências

Prejuízos incalculáveis no património

—«A QUI há duas coisas que me parecem muito mal: primeiro, este fogo parece-me muito esquisito, «cheira-me» mal; segundo, tenho a lamentar que os projectos dos edifícios do Estado não sejam submetidos à nossa apreciação sobre o aspecto de segurança» — palavras do comandante dos Sapadores Bombeiros, Teixeira Coelho, às 5 da madrugada, num curto diálogo travado com o ministro da Educação e Cultura, a propósito do pavoroso incêndio que deflagrou, às primeiras horas de hoje, na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Foram horas dramáticas, as que se viveram na Rua da Escola Politécnica, a partir das 1 e 30: céu vermelho, daquele que se diz ter cor de fogo, labaredas imensas, um enorme edifício a arder perante o olhar atónico de centenas de espectadores atraídos pelas sirenes estridentes dos bombeiros e pe-

O trânsito foi naturalmente cortado mas a rua fronteira ao edifício em chamas e as suas perpendiculares estavam peçadas de gente. Exa-m duas horas quando se aventou o perigo de uma explosão nos laboratórios de Química (onde havia indutores reagentes e matéria radioactiva) e a multidão foi

nhado do governador civil de Lisboa, não quer perder o mais pequeno pormenor do ataque ao sinistro; escuta todos os que lho podem trazer novos dados e oferece, ao comandante das

a retirar todos os produtos cuja explosão poderia provocar uma catástrofe ainda maior. Felizmente, o isolamento daquela área foi bem sucedido, não houve

de considerar a hipótese de a Faculdade de Ciências ter sido alvo de um acto criminoso. A possibilidade de se tratar de fogo posto começou, com efeito, a ganhar forma à medida

dissertar não sabia funcionar com o PDX) e deu o alarme. Descobriu o fogo nos pavilhões prefabricados.

Estes pavilhões situam-se na ala central do edifício e foram construídos há catorze anos; estão revestidos a esferovite, óptimo alimentador das chamas que dali se propagaram por todo o prédio. O comandante Teixeira Coelho referiu-nos-o, mais tarde, que se tivesse havido uma vistoria nunca um inspector de incêndios autorizaria a sua construção.

A estranheza do comandante Teixeira Coelho, e a nossa, nasce do facto de se saber que um funcionário desligara, às 23h30, a luz em todo o edifício. Nos pavilhões prefabricados não havia nem catalisadores a gás nem nada que pudesse fazer brotar as chamas apenas mobiliário.

A noite foi, empregado há trinta anos na Faculdade, confirmar-nos-ia que desligara como sempre, a luz e assegurou-nos que para além de funcionários citados não estava mais ninguém na Faculdade.

«Não demos por nada. Só vigilante nocturno é que descobriu o fogo. Ficou aflito assim porque os extintores há muito que desapareceram do sítio em que deviam estar — refere-



Ramalho Eanes esteve, de madrugada, no local do sinistro, acompanhando as operações de combate ao fogo durante cerca de duas horas

O incêndio consumiu, entre muitos documentos, teses de doutoramento, destruindo, assim, valiosos trabalhos de investigação

corporações presentes, o auxílio das Forças Armadas, auxílio que não passou de hipótese dado que não chegou a ser ne-

sidade de tomar medidas de extrema precaução em relação aos moradores no quarto-estádio fronteiro ao edifício.

que os jornalistas recolhiam informações, e reforçou-se quando, já com o fogo dominado, o comandante Teixeira Coelho

Elevado grau de destruição do incêndio.

© João Freitas (aluno de Biologia)



a eventual evacuação dos residentes daquela área, contando que o Exército estaria preparado para o fazer, no mais rápido período de tempo.

O repórter do Diário Popular, José Leite Pereira, um dos primeiros jornalistas a chegar ao local, conta: *“A imagem mais forte que retive foi o General Eanes entrar por ali dentro, saltando por cima de barrotos queimados e indo lá para o meio. Não era coisa que associássemos a um Presidente da República, mas ele era militar e estava habituado àquelas coisas.”*

Anos mais tarde, em entrevista ao jornal Expresso, o General Ramalho Eanes afirmava: *“Os bombeiros fizeram um trabalho excepcional, somos bons a apagar fogos, mas não a evitar a deflagração de fogos. O papel dos políticos é estarem atentos a áreas estratégicas.”*

Como se noticiou na altura era opinião generalizada que o fogo: *“aconteceu porque não havia um plano de prevenção de incêndios, principalmente em edifícios históricos e públicos.”*

O relatório que o Chefe de 1.^a classe, António de Oliveira, Comandante da 1.^a Companhia, elaborou após a conclusão dos trabalhos, refere que a determinação da origem do fogo



se tornou de difícil apuramento devido à total destruição do pavilhão pré-fabricado, onde o fogo terá tido início. Este, situado mesmo no centro da Faculdade, facilitou que o fogo progredisse com rapidez às alas nascente, sul e poente, infiltrando-se por portas e janelas, alastrando-se a mais espaços, aulas, laboratórios, museu e outras instalações, chegando à cobertura. Os principais rastilhos da progressão terão sido a acumulação de poeiras, os objetos inflamáveis e os vigamentos de madeira.

Assim e na falta de outros elementos, conclui o relatório que o fogo teve origem indeterminada.

Nas notas finais do relatório refere-se que este incêndio “se poderá considerar um dos maiores deflagrados na cidade de Lisboa.” O Chefe de 1.^a classe, Ant3nio de Oliveira, mais refere que o grande esfor3o “do pessoal do B.S.B. e Bombeiros Volunt3rios foi coroado de 3xito, pois os seus trabalhos foram compensados pelo salvamento total do bloco dos principais laborat3rios e do Observat3rio, bem como metade da ala sul da Faculdade.”

Emaranhado de madeiras calcinadas e ferros torcidos pela a3o do fogo.

© Jo3o Freitas (aluno de Biologia)





Vista superior dos estragos na cobertura, nas salas de aulas, laboratórios e museu.

©João Freitas (aluno de Biologia)



As entidades presentes foram unânimes em considerar que dada a enorme extensão do fogo e perante a perigosidade dos materiais e a suscetibilidade de haver grandes explosões: *“todo o pessoal empenhado na extinção do fogo se portou condignamente, dando todo o seu esforço conforme as circunstâncias o impunha, correndo riscos de vária ordem, o que valeu por certo o edifício não ter sido completamente devorado pelo fogo.”*

Este intenso, longo e árduo combate envolveu muitos homens, material e viaturas do Batalhão de Sapadores Bombeiros, das quatro Secções dos Voluntários de Lisboa, e dos Bombeiros Voluntários de Algés, do Dafundo e de Sacavém:

- 17 viaturas do Batalhão de Sapadores Bombeiros: Auto-Comando e Serviço n.º 1, com duas agulhetas, pelo lado nascente do edifício, auxiliada pelas viaturas Auto-Pronto-Socorro n.ºs 5, 13, 10, 4, 3, 1, 7, 2 e 9, todas com duas ou três agulhetas, de diversas medidas. Arvoraram à cobertura do edifício principal e de outros anexos as viaturas Autoescadas Mecânicas n.ºs 7, 2, 9 e 1, apoiadas por outras com pessoal e material, Jeep n.ºs 3, 7 e 14;
- 21 viaturas das quatro Secções dos Voluntários de Lisboa, incluindo as duas automacas que permaneceram de prevenção para algum sinistrado;



- A viatura BERGOMI n.º 2, pertencente ao Aeroporto.

No abastecimento de água atuaram os Autotanques n.ºs 6 e 9, seguidos dos Autotanques das 2.ª e 4.ª secções, a que se juntaram 10 viaturas Autotanques dos Voluntários do Dafundo, de Algés e de Sacavém, que foram garantindo um fluxo de água constante.

Entre o material utilizado estiveram agulhetas, mangueiras, lanternas, desferradeiras, forquilhas, chaves de cruzeta, chaves de marcos de água, *franceletes* de gancho, estancadores, tesouras mecânicas, alavancas, croques, espias e um sem número de escadas de molas.

Apesar da dimensão dos trabalhos, foram reportadas apenas as seguintes ocorrências no material: *“partiu-se um croque do A.P.S. n.º 1 e uma espia fina, avariou-se uma agulheta de 70mm, um estancador de 70mm e uma tesoura mecânica de punhos isolados, ficaram queimadas um par de luvas de trabalho e uma manta de algodão, este material pertencia ao A.P.S. n.º 2.”*

Ficaram também registados os estragos em fardamentos: *“1 par de calças de trabalho rasgadas, pertencentes ao Subchefe do A.P.S. n.º 13; 1 bivaque perdido do cabo n.º 107; 1 par de calças de trabalho queimadas do sap. Bombeiro n.º 583; 1 par*

de butes 'tipo fuzileiro' queimados do sap. bombeiro n.º 586 e 1 par de calças de trabalho rasgadas do sap. bombeiro n.º 496.”

Na tentativa que o ano escolar não ficasse de todo comprometido, as atividades da Faculdade de Ciências foram distribuídas por diversas instalações: algumas mantiveram-se nas salas não atingidas pelo fogo, outras no edifício do Ministério da Educação e Cultura, na avenida 24 de Julho e outras ainda numas dependências na Cidade Universitária.

34

Em 18 de Março de 1978 Dia da semana Sábado

Local Rua da Escola Politécnica - Faculdade de Ciências

Freguesia S. Mamede N.º de ordem no ano 2528 no mês 619 na Companhia 614

J.º Bairro

Natureza	CLASSIFICAÇÃO			Salvamentos	Observações
	Quanto à importância	Quanto ao local	Quanto ao risco		
Fogo	grande	Faculdade de Ciências	/	/	/

Comunicação	Estabelecimento que a fez	Método que utilizou	Hora	Observações finais
1.ª chamada	Quilada Tavares	R/E	01 h 12	Circunscrito às..... 04 h 00 Dominado às..... 04 h 30 Extinto às..... 04 h 30
1.ª parte	Sec. qto 8	R/K	01 h 16	Concluído às..... 12 h 15 Prevenção até às..... h

Natureza da construção ou local Alvenaria - Faculdade de Ciências

Origem do sinistro Indeterminada.

Ardeu um Pavilhão pré-fabricado construído em madeira, taboan e esferovite e ainda parcialmente as alas Nascente, Sul e Poente quase todas construídas por pisos e tectos em madeira e constituídas por salas de aula, Laboratórios, Bibliotecas, Museus e outros.

O fogo foi extinto com o emprego de 13 agulhetas de 70mm, 16 agulhetas de neveiro e 12 de 50mm, por pessoal do B.S.B., auxiliado pelos Bombeiros Voluntários de todas as Secções de Lisboa e Voluntários do Dafundo.

Epilogo

O sábado de 18 de março de 1978 foi um dia negro para as Ciências. O incêndio dessa madrugada provocou uma enorme perda de conhecimento científico e de bens culturais.

O atempado telefonema avisador da senhora com voz aflita e a rápida e eficaz atuação dos bombeiros evitaram o que podia ter sido uma tragédia ainda pior, a destruição completa das instalações e, sobretudo, o que podia ter sido catastrófico para a cidade de Lisboa, a explosão dos materiais radioativos.

É notório que à época não havia ainda uma cultura de prevenção contra incêndios, nem se questionou antecipadamente o perigo de instalar pavilhões pré-fabricados dentro de um edifício de construção antiga.

Unida pela tragédia e reconhedora dos erros cometidos, a Faculdade de Ciências vai fazer da dificuldade surgida a oportunidade de construir futuro.





Vista parcial da FCULisboa®

Nota final

Júlia Alves, 2018

A Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa renasceu das cinzas a que a Politécnica ficou reduzida na madrugada do dia 18 de março de 1978. Hoje, é uma Faculdade maior, instalada no Campo Grande, Cidade Universitária, num campus com onze edifícios e cerca de 5 mil alunos.

Logo no dia seguinte à tragédia, docentes, funcionários e alunos começaram a reconstrução, com um espírito de solidariedade e sentido de dever para com a Escola, que deixaram marcas na memória de quem viveu o pós-incêndio na Faculdade. Mais do que uma tragédia, foi um exemplo de resiliência. Transformou a catastrófica dificuldade numa teimosa oportunidade e cresceu. É uma Faculdade diferente sob inúmeros aspetos da sua atividade, incluindo os que dizem respeito à prevenção e à segurança contra incêndio em edifícios.

A cultura da segurança e da prevenção tem-se desenvolvido, os laços institucionais entre a Faculdade e os agentes de proteção civil têm-se estreitado, a comunidade académica tem aderido ao objetivo comum de melhorar a segurança de todos na Faculdade de Ciências. Contudo, é bom que o incêndio permaneça na memória institucional, recordando à Faculdade de hoje que as desgraças não acontecem só aos outros.



MEMOIRES
DE
MUSEE ROYAL D'HISTOIRE NATURELLE
DE BELGIQUE

MÉMOIRE N° 62

VERHANDELINGEN
VAN HET
KONINKLIJK NATUURHISTORISCH MUSEUM
VAN BELGIË

VERHANDELING N° 62

RECHERCHES
SUR
LES PARASITES DES MOLLUSQUES TERRESTRES
DE BELGIQUE

TRÉMATODES LARVAIRES

PAR

W. ADAM & E. LELOUP
(Bruxelles)

BRUXELLES

MUSEE ROYAL D'HISTOIRE NATURELLE DE BELGIQUE
RUE VAUTHIER, 21

1934

BRUSSEL

KONINKLIJK NATUURHISTORISCH MUSEUM
VAN BELGIË

Fontes

Batalhão de Sapadores Bombeiros, *Relatório de Socorro do Batalhão de Sapadores Bombeiros – Grande fogo na Faculdade de Ciências de Lisboa, Rua da Escola Politécnica, Freguesia de S. Mamede, 18 de março de 1978.*

Batalhão de Sapadores Bombeiros, *Livro de Partes de Fogo e Serviços Diversos – Março. 1978.*

Bibliografia

39


O Museu Mineralógico e Geológico da FCL e o incêndio de 1978. Separata do *Boletim do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências*. Vol. 16 (1). Lisboa. 1979. p. 25.

1978, 18 de março. *No incêndio da Faculdade de Ciências – Total destruição de um Museu com peças únicas no Mundo*. Diário Popular, p. 1.

2018, 3 de setembro. O dia em que o fogo destruiu a Faculdade de Ciências – um desastre que todos sabiam que ia acontecer. *Expresso*, p. 1.

À esquerda> Documentação e livros raros, consumidos pelo fogo e estragados pela água. © Rui Santos



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS DE LISBOA
Av. D. Carlos I, 1249 – 071 Lisboa